



# XIV Encontro Nacional da ANPUR

23 a 27 · maio · 2011 · Rio de Janeiro

---

XIV ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR

Maio de 2011

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

---

A “FEIRA LIVRE DO PENEDO” E SEUS APELOS DO COTIDIANO COMO EXPRESSÃO DE IDENTIDADE E FOCO DE PROTEÇÃO CULTURAL

**Ariana Moraes** (Secretaria de Estado da Cultura de Alago) - [arianamoraes\\_@hotmail.com](mailto:arianamoraes_@hotmail.com)

*Especialista, Arquiteta e Urbanista*

## UM DIA DE FEIRA ... CONVITE AOS SENTIDOS

Nesse burburinho, de uma atmosfera ruidosa e gentil, as feiras livres ganham, ainda na madrugada, um movimento de organização que permite, um pouco mais tarde, o desabrochar do colorido viço das pilhas de frutas da estação, legumes em seu frescor, folhas de um verdume espetacular que, banhados pelos raios do sol, convidam os olhos a percorrer um lenço de produtos que naturalmente transformam esse ambiente [...]. Observando e classificando os sentidos humanos através do gosto, do paladar, do cheiro, as sensações que deixam de ser apenas reações orgânicas a estímulos para adquirir um sentido cultural, um conjunto de conhecimentos que revela formas sociais de captar e ordenar a cidade [...].<sup>1</sup>

Assim é um dia de feira,...um convite aos sentidos...E, contar a sua história e de seu lugar, exige apreender a percepção de uma gama de nuances. Uma história tem sujeitos e predicados, enquanto um lugar se complementa com os adjetivos, advérbios. Exatamente por isso, o olhar externo de quem narra a história sempre precisa ser passível a descortinar o véu que cobre os casos não ditos, as palavras não faladas, mas sim traduzidas em gestos, em esboços de sorrisos que permeiam – muitas vezes – várias e várias gerações. Assim é o caso do patrimônio cultural como elemento simbólico de referência de identidade: a história de um lugar, uma memória, um modo de *saber-fazer*, em suma, um 'jeito de ser'... Nesse 'jeito de ser', nos remonta o registro cotidiano da Feira Livre do Penedo em Alagoas, situada no centro histórico tombado da cidade, ambientada pela historicidade de seus edifícios seculares, ela também fez e continua fazendo história. As feiras - de modo geral – apenas recentemente começaram a ser encaixadas dentro do contexto de proteção cultural - sendo consideradas patrimônio imaterial, embora esse consenso legal tramite de forma diferente na *práxis* institucionalizada.

Para uma dicotomia entre as relações de pertencimento que são apreendidas pela sociedade entre o patrimônio material e imaterial culminando em problemáticas para a manutenção do Bem Cultural. O entendimento da legislação é de que o patrimônio material é concebido como a representação histórica, artística ou arquitetônica edificada, tais como, os casarios, monumentos e conjuntos urbanos que marcaram uma determinada época. Já o imaterial vai além do edificado, tendo como exemplo, as festas populares, folguedos, ofícios peculiares que por sua singularidade determinam um traço cultural de um povo ou região específicos, mas que por sua vez podem ser *materializados* nos lugares em que são realizadas suas manifestações - como, por exemplo, um terreiro de umbanda - implicando

numa relação direta com o ambiente construído ou com sua paisagem natural. Essa relação é intrínseca e permeia o senso de apropriação e identificação cultural da sociedade, sendo a ausência desse pertencimento o fator contributivo para a degradação do patrimônio e aspecto recorrente nas áreas em que se apresentam os maiores sinais de perda do nosso acervo.



Imagem 1: vista da feira livre do Penedo com Pavilhão da Farinha e Mercado Público ao fundo.

Fonte: MORAES, 2007.

Em Alagoas como em boa parte do país, muitas perdas ocorrem, contudo, muito tem sido feito em resgate do remanescente – tanto material quanto imaterial. A apropriação da sociedade por alguns bens garante a sua permanência, como é o caso do patrimônio religioso católico e suas respectivas festividades. Dentre estas, dá-se o vulto da Festa de Bom Jesus dos Navegantes – também no Penedo -, que move e comove uma grande parcela de seguidores e admiradores. Entretanto, a permissibilidade do trato com as manifestações oriundas das camadas mais populares sofre ataques à sua continuidade, mesmo atribuídas de dimensão simbólica e referenciais históricos.

A imaterialidade em seu contexto intangível face à tangibilidade da materialidade adquire um caráter mais suscetível, como anteriormente citado no caso da Feira Livre do Penedo que mesmo com sua historicidade remontando ao final do século XIX, é passível de remoção diante da proposta interventiva do centro histórico da cidade. Esse tipo de ação de retirada das feiras livres dos centros urbanos é corriqueira, como ocorrido em outra cidade

vizinha Arapiraca, que surgiu exatamente do acontecimento rotineiro de uma feira. O entendimento do qual são necessárias ações de ordenamento e limpeza urbana passa pela questão educacional, mas é comprovada a relevância e importância econômica existente entre comércio e mercados públicos que subsistem do 'comércio feirante', traçando um paralelo diante do reconhecimento – um tanto tardio – dos órgãos de patrimônio em defesa de suas permanências enquanto manifestações do patrimônio imaterial.



Imagem 2: amostra de alguns artigos vendidos nas bancas. Fonte: MORAES, 2007.

Na verdade, há na riqueza desse variado patrimônio cultural das feiras, detalhes em tramas, cores, aromas, sons, e etc., que vão além do que pode ser registrado como parte de um procedimento de pesquisa aplicada dentro de estudos urbanos, econômicos ou sociais. Os elementos verbais e não-verbais alimentam a dinâmica que transforma o cotidiano da cidade. Tais particularidades confrontam antigas heranças com processos mais contemporâneos, a fim de se avaliar a extensão de algumas mudanças em curso, formas alternativas de subsistência e árduo cotidiano, como consequência da pouca oferta de emprego. Na polissemia da feira os signos orais, visuais e verbais estimulam e aguçam os sentidos na medida em que nos aproximamos do conglomerado de gente e dos produtos expostos. O burburinho vai ficando cada vez mais alto, a agitação se acentua, as narinas são invadidas pela miscelânea de odores e o olhar fica desbaratado. O apelo oral dos vendedores não se apresenta como tão comumente esperado no imaginário popular das

feiras do interior permeado por cantadores, repentistas, curandeiros milagrosos, esse *tipo de gente* que parecer habitar *um outro mundo* - o mundo lúdico das feiras livres - , mas em apenas um ou outro trecho da feira com nuances de timidez e espontaneidade.

O mundo é o ninho do homem.<sup>ii</sup>

O maior apelo de venda é visual, expondo todo o produto que tiver disponível, como se apenas dessa maneira seria possível expressar o poder de ter muitas ofertas, criando a ilusão de se encontrar de tudo um pouco, inclusive o que não se pode ver, a um preço bem camarada. Uma característica observada no modo de organização de estabelecimentos de artigos populares, onde seu público não possui grande poder aquisitivo. De forma geral, em toda a ambiência do complexo da Feira Livre, Mercado Público e Pavilhão da Farinha no Penedo, o modo de exposição dos produtos aborda um pouco da estratégia de exposição comum de uma vitrine tradicional. Logicamente sem uma estrutura de elementos pré-estabelecidos por uma composição estética mais elaborada como de lojas formais. Os feirantes montam seus produtos de acordo com a estrutura de banca condizente com sua condição econômica já que existem bancas de diferentes tipos e preços.

Os vendedores ambulantes, personagens singelos que nos cativam, são figuras constantes circulando o percurso ou em pontos determinados. Caracterizam-se pela venda de produtos perecíveis, e geralmente utilizam carrinhos de mão que facilitam a mobilidade levando o produto onde o consumidor estiver. Em alguns casos aproveitam o próprio corpo como eficiente estrutura de comunicação, usados como meio de exposição e venda; entre todos costumam ser eles os que possuem o maior apelo oral, juntamente com os comerciantes de frutos do mar, na *rua do peixe*, exatamente os que precisam vender rapidamente o produto.



Imagem 3: vendedor utilizando o corpo como apelo de venda .Fonte: MORAES, 2007.

A inserção no universo complexo desse cotidiano transporta-nos para um tempo anterior, uma época já passada. Olhar para o movimento de troca, vivenciar as sensações que nos cercam dentro do sistema vivo transmite-nos significados que remetem a uma memória passada pelos familiares, pela história documentada e pelos registros de vivência de gerações, um registro de memórias coletivas. A marcação do tempo determinada pelas características estéticas das edificações históricas no centro da cidade traça um paralelo temporal (ROLNIK, 1995 apud MORAES, 2007:20) assistindo a migração constante na feira, exalando e exaltando os sentidos, mobilizando, fortalecendo relações sociais que vão desde o gari, no seu ofício final de limpeza, à criança de tenra idade que acompanha os familiares na comercialização, ao banqueiro que aluga a estrutura da banca ou ao funcionário do órgão fiscalizador, demonstram a riqueza cultural que podemos encontrar nas coisas mais simples. A forma empírica ou não de se fazer ver e atrair a clientela é subjetiva quanto a sua gama de variações, que intrigam nas nuances da timidez em abordagem ao apelo direto quase constrangedor, mas quase sempre muito simpático e humorado. Esses agentes almejam ser valorizados e incluídos, prestativos não se incomodam em serem interpelados a uma presença externa, apenas receiam ações que desconhecem e que não lhes assegurem sua permanência. Providos desta rede de significações plenamente estruturada

em seu contexto e, portanto, capaz de transformá-lo em um verdadeiro *artefato* cultural, bem como a própria manifestação, feira em si, o homem assim se configura por meio das suas experiências impressas no tempo e no espaço. Essa teia tão rica e impregnada de significações apenas se apresenta dessa forma por estar indissociada da ação humana.



Imagem 4: bancas de artigos de couro que se apropriam das laterais do Mercado Público.

Fonte: MORAES, 2007.

No centro histórico da cidade de Penedo, o Mercado e Pavilhão são feitos de tijolo e cal, mas não são apenas tijolo e cal formadores de meros edifícios, mas edifícios particulares, construídos em um tempo específico por membros de uma sociedade particular. Para entender plenamente o que isso significa é preciso compreender mais do que as técnicas construtivas ou os estilos arquitetônicos evocados na matéria, é preciso perceber os conceitos referentes às relações estabelecidas entre o homem e a arquitetura que se produz como experiência do seu espaço e tempo. São as relações humanas com o meio vivido e seus símbolos que a significam (GEERTZ, apud RIBEIRO, 2003).

É próprio do humano construir teias de significação que o ajudem a ordenar as suas experiências e a se posicionar no mundo<sup>iii</sup>.

Conforme referências já feitas, as mais diversas texturas de cores e superfície atizam o toque e o olhar. É praticamente impossível resistir ao apelo de experimentar a sedução das frutas, verduras e legumes, com suas cores e cheiros variados. As sensações se complementam e fazem-nos crer, no seu conjunto, a peculiaridade em cada canto, em cada banca, em cada cesto ou tablado; driblam o desconforto para sentir a plenitude de um sistema vivo latente em sua essência de tradições populares.

Contudo, os sentidos são camuflados pela sensação de deleite transmitida pela imponência da amplitude de algumas edificações, como por exemplo, do Pavilhão da Farinha. Embora, as interferências arquitetônicas realizadas, tanto nele quanto em outras edificações, as comprometam esteticamente, são apenas perceptíveis através de um olhar apurado, já que a maioria das pessoas que não têm conhecimento sobre patrimônio também são, em sua maioria, desprovidas de um juízo de valor que possui pressupostos diferenciados e capazes de determinar o julgamento de cada indivíduo em relação ao gosto, prazer, belo ou agradável, bem como da importância de se manter o objeto arquitetônico em sua integridade física e artística. Dado o fato de vários conjuntos de edificações terem passado ao longo de alguns anos por descaracterizações que chegam a confundir o senso comum e o entendimento singelo da comunidade em geral.

O fato é que embora com tantos aspectos contra, o feirante e sua feira persistem a todos os abalos. Conseguem se desvencilhar das amarras da formalidade e criam um universo quase anárquico. Sem poder político dominante e com seus componentes de classes econômicas baixas, fazem do exercício de apropriação urbana o marco do seu território mesmo que alheios a todo o processo interventivo ao seu redor. Processo este que privilegia a materialidade e relega à imaterialidade ao segundo plano, o que conseqüentemente prejudica os desdobramentos que ações de envolvimento social, voltadas ao desenvolvimento que o senso do *pertence* poderia promover. Sem esse envolvimento os feirantes não se sentem parte integrante do todo, e o pior, não tomam consciência como agentes multiplicadores da conservação do patrimônio, mantendo um ciclo vicioso de hábitos errôneos que perduram.



## **A *práxis* cotidiana do interAGIR no espaço da feira e da cidade**

[...] Esses praticantes brincam com os espaços que não são vistos; eles têm um conhecimento tão cego do espaço quanto no *corpo a corpo amoroso*. O caminho que aparece nesses encontros, poesias tiradas de cada corpo é um elemento assinado entre vários outros, que escapam a lisibilidade.[...]<sup>iv</sup>

Pela dinâmica de deslocamento na própria feira e desta em áreas da cidade, pode-se considerar, em termos gerais, o feirante como um “errante”, na concepção trabalhada por Jacques (2006) aportada em outros autores que defendem que para o errante, os outros sentidos é que são despertados pela experiência, e o corpo é que faz a sua leitura, o que denominaria a chamada *corpografia*, onde a memória urbana usa o corpo como seu registro através dos cheiros, gostos e demais complexidade de sensações.

A experiência da percepção analisada por BERGSON (apud BOSI,1998) coloca a corporeidade como instrumento entre o meio físico ou social que circunda o sujeito. O corpo é o mediador da vivência, contudo sofre também a passagem do tempo.

[...] Se é verdade que cada ato perceptual é um ato presente, uma relação atual do organismo com o ambiente, é também verdade que cada ato de percepção é também um novo ato. [...] Supõe que antes dele aconteceram outras experiências, outros movimentos [...].<sup>v</sup>

Reforçando o que diz Merleu-Ponty na *Phenomologie de la perception* quando relata: “*existem tantos espaços quanto experiências espaciais distintas.*”<sup>vi</sup> É interessante salientar que são esses *praticantes* que De Certeau cita, que validam a apropriação e pertencimento do espaço. A relação dos usuários do espaço é alterada pelo ritmo alucinante do *viver* da contemporaneidade. A errância nas cidades é uma proposta de ação oposta às ações automatizadas do cotidiano, na verdade é um movimento de lentidão, de perder-se, onde a troca do corpo físico com o meio pressupõe uma *incorporação*.

[...] A contaminação corporal leva a uma incorporação, ou seja, uma ação imanente ligada à materialidade física, corporal, que contrasta com uma pretensa busca contemporânea do virtual, imaterial, incorporal [...].<sup>vii</sup>

Um outro contraponto é colocado quando De Certeau altera o ponto de vista do observador em *Andando na Cidade*, e muda a escala do indivíduo tomando, como exemplo, os arranha-céus de Nova York onde o corpo é envolvido com outros referenciais num ponto elevado, à distância, tornando-se um *voyeur*. Nessa experiência o observador deixa de ser envolvido, contaminado ou incorporado e passa apenas a lê-lo realizando a ânsia de visualizar a cidade com outros olhos, similarmente a como já era observada pelos pintores medievais ou renascentistas, retomando o usuário/indivíduo a mero observador da supra citada cidade-cenário. Essa alteração da apreensão da espacialidade faz fugir o imaginário produzido pelo olhar à *práxis* cotidiana, pois adquire um estranhamento visível que é apenas dissolvido por meio dos outros sentidos, em outro modo de relação de percepção em que *cada corpo é um elemento assinado por muitos outros*.<sup>viii</sup>



Imagem 5: ambiência de uma das ruas em que a feira se instala. Fonte: MORAES, 2007.

Atinge-se, então, a posição crítica sobre o *pensar a cidade*. Simulacro de referências histórico-temporais, relações sociais tradicionais, novas tecnologias e universos cada vez mais virtuais, ainda assim inter-relacionados no espaço urbano da cidade. E numa análise linear sobre as variações do pensamento urbanista sempre é colocado o indivíduo face à produção do espaço, seja ele como um *caminhante* ou *voyeur*. A cidade-conceito parte da primazia de fazer a simbiose entre as práticas cotidianas, planejar e pensar na pluralidade. Embora na teoria funcione, pois permearia o lugar em que as transformações e

apropriações seriam permissíveis e em constantemente mutabilidade, este conceito está decaindo, em razão do olhar racional do planejamento urbano não conseguir mais atender as respostas refletidas no *locus* tão pleno em contradições de vivências singulares ou plurais.<sup>ix</sup>

Retomando ao recorte da Feira Livre do Penedo, como *espaço vivido e de inquietante familiaridade das cidades* pleno em singularidades e coletividade não se enquadra nos espaços planejados pela concepção urbanística, mas clama à relação simbólica do *corpo vivido* como referencial de registro de suas práticas cotidianas.

Desse modo, seja o caminhante, praticante, errante ou apenas *voyeur*, são eles elos entre os sentidos, o visível e o invisível no que permeia a ambiência do seu meio, enriquecendo a poética de seu espaço pelos fatos históricos, memórias e lembranças que são adicionados à sua peculiar identidade.



Imagem 6: adaptação do modo de exposição do produto. Fonte: MORAES, 2007.

## FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, A. **Patrimônio Cultural**: Desafios e Perspectivas Atuais. Aula 2. Curso Patrimônio Imaterial – EAD DUO, 2008.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. Companhia das Letras, 1998. p-42-53.

BRANDÃO, C. A. **A formação do homem moderno vista através da arquitetura.** 2ª Edição. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

DE CERTEAU, M. *Andando na Cidade.* In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994, p. 21-31.

FRAZÃO, A. C. **Comedoria Popular:** receitas, feiras e mercados do Recife. Recife: 3ª Reimpressão, 2009.

GONCALVES, J. R. S. **Ressonância, materialidade e subjetividade:** as culturas como patrimônios. *Horiz. antropol.* [online]. 2005, vol.11, n.23, p. 15-36. Acesso em: 04 de novembro de 2009.

JACQUES, P. *Elogio aos errantes: a arte de se perder na cidade.* In: **Corpos e Cenários Urbanos:** territórios urbanos e políticas culturais. JACQUES, P.; JEUDY, H. (Org.). Salvador: EDUFBA; PPG-AU/FAUFBA, 2006, p-117-139.

LEITE, J. **A cidade como escrita:** o aporte da comunicação na leitura do espaço urbano. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br>> Acesso em: 20 de janeiro de 2007.

MORAES, A. **Análise e Diretrizes para intervenção restaurativa do Mercado Público Municipal e ordenamento da Feira Livre do Penedo/AL.** Maceió: IPHAN/Programa Monumenta/UNESCO, 2007.

ROSSI, A. **A Arquitetura da Cidade.** São Paulo: Martins Fortes, 2001. p.148-199.

## Notas de fim

---

<sup>i</sup> FRAZÃO, 2009: 23, 12

<sup>ii</sup> BACHELARD apud MORAES, 2007:18.

<sup>iii</sup> RIBEIRO, 2003: 42 apud MORAES, 2007:18

<sup>iv</sup> JACQUES, 2006:119.

<sup>v</sup> BOSI; 1998,45

<sup>vi</sup> Op. cit. 120

<sup>vii</sup> Idem 121

<sup>viii</sup> DE CERTEAU, 1994:23.

<sup>ix</sup> Cabe aqui se pensar no que Foucault coloca como análise das estruturas de poder, que são marcadas pela administração coletiva e apropriações individuais, refletindo sobre se as práticas espaciais de fato estruturam ou não as condicionantes da vida social do seu meio.